

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.



Que vos direi eu, minhas boas amigas, neste artigo? Agora reconheço a minha imprudencia em obrigar-me a fallar dos salões todos os domingos, sem declarar que a minha promessa ficava sustada no tempo de verão.

Felizmente a abundante chuva desta semana fez alguma opposição ao desenvolvimento do calor, conquanto não protegesse muito a causa dos bailes; e, emquanto o tempo assim for, poderemos ainda dizer alguma cousa em desempenho do nosso compromisso á proporção que se forem realisando as ultimas reuniões que são ainda esperadas de algumas sociedades por conta do anno que corre.

Depois dellas teremos de recorrer ás partidas do *Club Fluminense*, que se tem tornado dignas de particular attenção pelo esmero e gosto dos seus magníficos salões, animados por uma companhia sempre escolhida. E' realmente bastante apreciavel o passar uma noite de cada semana no meio de uma reunião para onde tem affluído as mais bellas fiores da nossa sociedade, e a maior parte dos distinctos cavalheiros, que são seus constantes admiradores.

Deixemos que entre elles sempre appareça em toda a parte algum, que só sabe rir-se de tudo e para todos; outro, que faz consistir o seu prazer em dançar todas as contranças; este, que repete sempre as mesmas fizezas a todas as senhoras a quem se dirige; aquelle, que julga me-

recer attenção e captivar corações repetindo entusiasticos períodos de alguma obra recentemente publicada, mas degenerando-lhes o merecimento pela precipitação e frieza com que os diz, ou pela impropriedade com que os applica.

Todos esses, e muitos outros, têm para si uma theoria do mundo que lhes é particular; e não seremos nós que queiramos roubar-lhes o privilegio exclusivo sob cujos auspícios vivem; porque, se desagradão por um lado, reconhecemos que têm algum merecimento, pois concorrem com o typo que os caracteriza para a variedade da sociedade.

Ora, isto é tanto mais util quanto sabemos que uma sociedade é uma miniatura do mundo, e deve portanto ser ella tão variada como elle.

Quem, como nós, frequenta as sociedades com algum fim premeditado, acha sempre, ajuda que assentada uma noite inteira em uma cadeira, duas cousas que a entretêm muito, e que se ligão particularmente entre si: a primeira é a variedade dos *foilletes*, no matiz, no gosto, etc., aos quaes preside sempre o capricho de prender maior numero de attentões, e que formão um bello quadro colorido de delicado mosaico; a segunda é também mosaico de outro gosto, de que cada cabeça masculina é uma pedrinha que reflecte a seu modo o colorido do primeiro.

Muito nos entretém, realmente, apreciar os

efeitos diversos que causão as nossas bellas elegantes sobre a turba dos adoradores, fazendo a uns alegres e animados; a outros, sentimentalistas concentrados e silenciosos; a outros, poetas improvisadores; a outros, recitadores, isto é, oradores; e, enfim, a outros, amadores patheticos e tragicos.

Por fillar nestes ultimos sujeitos, devemos aproveitar a occasião para fazer observar que são elles os mais perigosos, porque nos senhoras nos deixamos mais naturalmente arrastar pela piedade; e as que não estão habituadas a ouvir taes lamurias podem, por effeito de sua innocencia e pureza de sua alma, conceder um raio de compaixão inmerecida aos lamentos de suppostos infelizes: e ha sujeitos que têm para isso tanta imaginação como eloquencia! Entretanto, estando-se prevenida, achamos bem interessantes os adornados discursos desses filhos do infortunio, perseguidos pela má supposta da desgraça. Em nossa opinião são estes os mais interessantes, e, para nós, os menos incommodos dos adoradores do nosso sexo.

Os alegres e animados não podem causar receio: brincão e divertem, e têm a fortuna de

se não tornarem enfadonhos: os poetas fazem versos, como sempre: e a poesia presta-se mais ao amor pensado do que ao realzado. Deixemol-os portanto versejar. Os sentimentalistas têm algum risco, se possuem sufficientes habilitações e talento para jogar dextramente com as paixões: mas destes ha poucos; e os mais são muito dignos de attenção, porque nos interessão sem dispensar nunca as delicadezas e o respeito que devem ás senhoras.

Ora, leitoras, como me desviei eu do fim á que me destinei escrever este artigo!.. Devia fallar-vos dos bailes, e só vos fallei dos homens que os frequentão!.. Bem sei que não era isto que esperaveis achar neste escripto: mas sinto sempre prazer em fazer alguma critica aos homens, em compensação das que elles nos fazem continuamente: e como isto também pôde considerar-se chronica, accedea-a como tal, para dispensar-me de escrever outra; e recomendo-lhe a leitura aos importunos de que fortes victimas nas reuniões; o que talvez vos produza a vantagem não pequena de vos livrar delles, quando novamente os encontrardes.

Alina.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO PARA PEQUENO SOIRÉE DE VERÃO. — Penteados de bandos ondulados, guarnecidos de flores de campo.

Vestido de tulle, bordado de seda matizada. Saia enfeitada com los folhos. Corpo franzido, de cintura redonda. Cabeção com peitilho ornado de folhos da mesma fazenda e laço de fita de nobreza branca e azul. Cinto de pontas caídas da mesma fita larga.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Saia de nobreza de

riscadinho cor de rosa, guarnecida com cinco folhos, sendo tres cor de rosa e dois de seda de riscadinho branco.

Basquine de cambraia de linho, enfeitada de renda valencienne.

Mantelete de tafetá preto, solio-manta, bordado de seda preta, enfeitado de duas ordens de renda Chantilly muito larga.

Chapéu de palha de arroz com flores e blonde.

A MANTA.

(Continuado do n.º 46.)

§ IV.

A casa de campo, em que habitava Maria, jazia a alguma distancia da pequena villa de..., onde deixei a minha carruagem. Segui a pé para a aldeia mais proxima, e ali assentei minha morada. O sol acabava de tramontar quando me affastei da rustica habitação que devia servir-me de refugio tão perto della. Chegando, por uma vereda solitaria ao cimo de uma collina cerrada de arvoredo, descobri a sua morada. Era uma casa mui simples; na frente em terrado com laran-

geiras e flores; em pequena distancia um hoesquesinho de alamos e de cyprêstes.

Logo que anoiteceu desci do bosque; vi que as salas, que parecião ser habitadas, abriaõ para o terrado; tudo estava em silencio; era uma morada de calma e de eterno repouso. Fui-me triste para a minha humilde habitação.

No dia seguinte o sol não se mostrou. A noite uma lampada lugubre allumiava a sala de Maria. A luz, que se levantava por detraz de uma treva, assomou brilhante. Abriu-se uma janella, vi apparecer uma sombra branca, e depois ouvi



Jules Barbis 404

LE MONITEUR DE LA MODE



Paris, Rue Richelieu 97.

Modistes d'Alexandrie, Costettes de M^{lle} V. Baret Colard, Vestisseurs d'Objants de la Haie, Jacob place Vendôme, Diers de M^{lle} Auban, 2^{ème} St. M^{lle} Imperatrice, Dentelles de M. Viorand, Lesnettes de M^{lle} Oumoulin, Mouchoirs de Chapron, et divers autres de Jacques Sabouille.

no interior uma voz serena exprobrando uma imprudencia; fechou-se a janella e desapareceu tudo.

Na manhã seguinte, levantou-se o sol radioso, e eu encaminhei-me para o bosque; pelo meiodia o calor deste sol da Provença vivificava toda a natureza; de uma das salas sahira um criado, trazendo uma poltrona que collocou perto de um alegrete de roseiras e de raymuntos. O meu coração batia com violencia. Depois trouxe o mesmo criado um tamborete e uma mesinha, e appareceu no limiar da porta um homem que reconheci ser o conde G... dava o braço a uma mulher que mal podia andar. Oh! Maria! era ella: o seu vestido era branco, pobre Maria!... a manta azul pendia-lhe dos hombros, ella a trazia ainda; não tinha, pois, arrojado para longe da sua vista essa manta despedaçada pela minha mão cruel!

Sentou-se a custo na poltrona. Ah! só eu a podia reconhecer; estava bem mudada, mas quicá mais bella ainda, que a languida formosura tem um atractivo indefinivel. As suas feições parecião que do sentimento apenas tinham conservado essa expressão delicada, pura e sensitiva, que só a alma dá ainda; não era palidez, era mais que sofrimento, era alguma coisa que accommettia o coração; era um rosto ainda encantador, mas que já nenhum prazer, nenhuma esperanza terrestre podia animar. Só o seu sorriso era sempre amavel, eu o reconheci quando a vi agradecer a seu marido o apoio que achára no seu braço; mas, logo que o conde a deixou, desapareceu esse sorriso dos seus labios, que já não era elle natural, era um esforço penoso.

Por muito tempo ficou Maria immovel, com a cabeça levemente inclinada, cuidadosa e completamente absorta em seus pensamentos. Depois correu com os olhos o terrado como para assegurar-se que estava só; tirou um livro do seio... era o meu; não lá, mas voltava as folhas; estava ainda distraída; mas, pouco a pouco parecem-me que algumas recordações penosas haviam fixado a sua attenção. Conhecia eu bem esse livro e as folhas soltas escriptas pela minha mão! Seguia com os olhos todas as impressões que nella se despertava; reconhecia e podia ler, por assim dizer, cada pagina e cada pensamento no espelho das suas feições moveis.

Fechou o livro e deixou-o cahir sobre a mesa; parecia fatigada, e descançou a cabeça na mão. Contudo, passados poucos momentos, abriu um pequeno indispensavel, tirou dahi algum retroz e agulhas, e pôz a manta no regaço. Era ainda a manta azul, somente desbotada, mais desmaiada, mas, com pequena differença, tal qual a tinha visto no primeiro dia; os dous pedaços tinham sido reunidos com esmero, mas restava ainda alguma cousa a fazer. Pobre Maria! era o seu trabalho; de quando em quando ella o interrompia; levava a manta aos labios; sorria-se, e depois enxugava os olhos e parecia fallar consigo mesma. A minha emoção já nada me deixava ver, nada ouyir... mas sentia correr as minhas lagrimas.

Ia, julgo eu, lançar-me a seus pés, quando um subito rumor na sala fez estremecer Maria.

Ocultou-se logo o livro, e fechou-se o indispensavel. Appareceu o conde. A sua vista excitou em mim um sentimento horrivel; este homem só devia apresentar-se a meus olhos em vinte passos de distancia e com uma pistola na mão. Vi nas feições de Maria uma expressão indefinivel, que só eu podia comprehender: a anxiedade e o constrangimento, e depois a resignação da desesperação.

No dia seguinte esteve o Céu nublado, o ar frio; as janellas não se abrirão.

No que se lhe seguiu, o vento havia dissipado as nuvens; era uma manhã de abril em todo o seu esplendor.

Abriu-se finalmente a porta do terrado. Appareceu Maria; o seu vestido e cabellos arranjados com esmero, a manta, todo me recordava o dia em que a vi pela vez primeira.

O conde sentou-se e convervou por alguns momentos com Maria; estava de botas e tinha um chicote na mão; levantou-se pouco depois e despediu-se della.

« Ha já muito tempo que vos não vejo com tão bom semblante, disse elle; voltarei a noite ou amanhã de manhã, o mais tardar. » Maria disse-lhe adeus com a mão, o conde sahio, e, passados poucos momentos, ouvi galopar o seu cavallo.

Maria mandou vir um vaso para flores, um album, o indispensavel e uma caixinha. Apenas ficou só, appareceu o jardineiro e deu-lhe um ramo de flores. Maria despediu-o e começou a arranjar as flores no vaso; dir-se-hia que não queria que esse dia passasse como todos os outros dias; que desejava dar-lhe um ar de festa. De repente me veio a idea uma data, era o dia 8 de abril, o anniversario do primeiro baile da nossa primeira entreyista. Um anno somente se tinha passado; que recordação! e a donzella feliz, brilhante de formosura e de graças, ei-la! e eu, eis-me tambem, eis a minha obra, o meu crime!

Pobre Maria! era o seu 8 de abril, a sua pequena festa, que nenhum dos que a rodeavão podia comprehender. Queria esquecer o presente para tornar a viver alguns momentos, só com as suas recordações, nesse passado que nada havia ainda perturbado, em que sós estávamos juntos, embalados pela doce confiança e pela imprevidencia do amor. Oh! Maria! e eu, autor de todos os seus males, eu era-lhe ainda grato, ainda occupava todos os seus pensamentos.

Olhou por muito tempo para a vista do lago que eu desenhára no seu album, e seus olhos encherão-se de lagrimas. Depois tirou da caixinha todos os seus thesouros. O meu livro estava aberto. Voltando as folhas, cahiu uma dellas sobre as roseiras. Movendo-se para a apanhar, prendeu-se a manta aos espinhos. Maria empalideceu. Não se atrevia a arrancar a manta. Examinou-a attentamente; uma expressão de prazer reapareceu subitamente em seus labios desmaiados, e, levantando para o Céu os olhos em que brilhava a alegria, exclamou: « Não se rasgou! elle me ama ainda... posso morrer... »

E ajoelhando-se no tamborete pronunciou as seguintes palavras entrecortadas:

« Oh! meu Deus! perdoa-me, ilustra-me!... Tudo fiz para obedecer-vos; tudo sacrificarei, se é preciso... felicidade... tudo... nunca me vejo chorar... nada saberão... comprerei o meu dever; mas deixar de amá-lo... não... não... Oh! meu Deus! vos por certo o não exigis... ah! nunca elle sabia o mal que me fez... esqueça-me! mas só quando eu tiver deixado de existir. Ah! elle ainda me ama... Oh! vê-lo, ouvi-lhe a sua voz... pela ultima vez.

Não pude conter-me por mais tempo; corri a lançar-me a seus pés. Ao primeiro rumor que ouviu, levantou-se com força, e recebi-a nos meus braços.

Tinha perdido os sentidos, levei-a para o seu quarto; deitei-a em uma cama que ali se achava; e ajoelhei-me junto a ella. Parecem-me que tornava em si, seus olhos abrirão-se e fecharão-se muitas vezes; dir-se-hia que dormia e que via em sonho uma imagem aprazível. Não me era possível pedir auxilio, chamar alguém; porque ella me tinha abraçado, e, a cada movimento que eu fazia, parecia despertar, temer, soffrer, e mais estreitamente me apertava. Eis que de subito se lhe illuminou o rosto; doces palavras de amor parecião errar sobre seus labios, com um sorriso pacífico; delectavel; depois, encostando a cabeça sobre meu hombro, ouvi um suspiro.

Por muito tempo fiquei de joelhos no mesmo logar, sem fazer o menor movimento. Comprehendia e não queria saber, via e não queria ver. As sensações que experimentava erão demasiadamente fortes; havia nellas demasiada desesperação; demasiada realidade lacerante para poder acreditar-as, para procurar sahir de um estado que talvez não fosse mais que um sonho: como um sonho, era feliz esse estado... Como realidade!... era insupportável... que então era eu, ainda eu, sempre fatal, sempre cruel; eu, eu, o seu destino terrível, a sua primeira e a sua ultima desgraça. Immoível, em um estado de torpôr, só podia proferir palavras delirantes que ella não ouvia... Por fim, um leve rumor no quarto immediato me fez tornar em mim; desprendi-me de seus braços que ainda me apertavam, e, deixando cahir a manta como um véo sobre o seu rosto, sahi precipitadamente para

encerrar-me na casa em que habitava. Ah! não me acompanhais na minha solidão.

No dia seguinte, em derredor de mim dizia-se que a condessa de G... tinha morrido. Veio a noite, sombria e humida; uma só das janellas do terrado estava aberta; a escuridade peraltia qua me approximasse della sem o menor receio de ser visto. O quarto só era allumiado por uma vela que ardia sobre o altar temporario. Vi uma mulher que orava e velava junto ao leito. Quiz tambem orar; não pude; esperei por muito tempo; finalmente a pessoa que velava sahio. Armei-me de coragem... Era-me preciso vê-la ajuda uma vez... dar-lhe um ultimo adeus!... E a manta!... Ei-la... eis-ahi essa manta! E' ainda a mesma; somente desbotada, embranquecida pela mão do tempo. E Maria, ah! essa ha muito que não existe; esse ente anavel, encantador, que era todo alma, sentimento, amor; já não existe. Só eu conheci Maria; sem ser percebida passou ella, no meio das outras, como o nosso amor.

E, contudo, desde então tenho podido viver. Nos primeiros momentos da minha desesperação, muitas vezes tentei livrar-me vulgarmente da vida; como tantos fazem. Mas Maria havia lançado os germens dos mais nobres sentimentos no meu coração; viver parecia-me mais digno della.

Sem contar muito sobre os homens, puz todo o meu empenho, nemos em despregal-os do que em servir-os. Maria parecia animar os meus esforços; tenho feito uma pequena parte do bem que juntos meditamos.

Mas a manta nunca me deixa, com ella renascem a cada momento todas as minhas recordações. Foi ella o laço mysterioso da nossa vida; foi ella a dor de Maria, o seu prazer passageiro e o véo do seu leito de morte; quando eu tambem tiver cessado de esperar... quando, enfim, ouvir a voz de um anjo dizer-me: « Vem, vem, é chegada a tua hora! » quero que esta manta cubra tambem o meu rosto... quero sentir-a sobre os labios... quero que ahi receba o meu ultimo suspiro.

POESIA.

SORTE DAS FLORES.

A flor tão louça
Primeira a nascer
Em bella manhã
De um dia de abril,

Emquanto estiver
Alfiva e formosa,
Verá, radiosa,
Favonio subtil

Vir ledó a beijar
 Em seu desatino;
 Mas, quando passar
 O dia de amor,
 Lá quando o Destino
 Um outro surgir,
 E o roscio entreabrir
 Uma outra flor;
 A flor, que louçã
 Primeira surgiu,

Verá com afã
 Favonio voar
 A' nova que abriu;
 E cheio de amor
 Da juvenil flor
 Seu seio beijar.

Josefon.

A' SEUS ANNOS.

*O dia em que amor nasceu
 Foi o dia em que nasceste.*

GLOSA.

Houve tempo em que se deu
 Um problema a resolver;

E o problema vinha a ser
 — *O dia em que amor nasceu.*
 Turba immensa concorreu,
 Que um problema como este
 Té chama a attenção celeste.
 Os chronistas disputarão;
 E o dia em que assentirão
 Foi o dia em que nasceste.

Dr. B. A.

UMA NOITE DE LUAR.

I.

Uma noite do luar é a mais bella pagina do livro da natureza. Uma noite, como essas tantas que já temos visto, é um espectáculo que agrada, um incentivo ao passeio, uma das muitas bellezas do Céu e da terra que os homens do mundo amão contemplar e apreciar. Mas uma noite de luar, como eu já vi e gozei, uma dessas noites suaves e serenas que parece forão dadas por Deus para consolação dos que soffrem, uma dessas noites tão caladas e tristes, em que a brisa só de leve fumoreja pela ramagen das arvores, em que o correr do rogato é tímido e mavioso como o primeiro suspiro da amante que se debruça languida e dormente nos braços de sua paixão... oh! uma noite tão completa ninguem a gozou como eu!

A lua passeava tristemente pelo Céu vagorosamente arrastando seu manto de estrellas; o Céu estava de um azul só seu; as ondinhas do mar vinhão tremulas e inquietas espreguiçar-se na areia das praias; os cantos do marinheiro chegavão á terra tão frouxos e quebrados como as notas isoladas de um alaúde desferido na solidão de uma matta; a cidade era erma como um convento, e triste como as ruinas de um castello deixado. A natureza inteira parecia repousar e dormir igualmente no somno dos homens!

Eu nunca vi uma calma tão fresca, um soce-

go mais religioso, um silencio mais tímido, uma noite mais bella do que essa!

II.

As dez horas ha muito que havião soado e vagarasas se revolvião na ampulheta do tempo. E eu com ellas tambem ha muito que me revolvia ansioso, entre as alvas do leito. Doudejantes sonhos me rolavão no cerebro, uma inquietação nervosa me estremecia o corpo, sentia a cabeça pesada sobre o travesseiro como que vergada por uma barra de chumbo! Os olhos... não sei se os tinha abertos ou fechados, mas eu via, via; e a imagem que me encantava como que sorria para mim, acenava-me com suas mãos mais alvas do que a neve, as cortinas do leito parecião-me ás vestes vaporosas em que estava envolvida a linda visão de meu sonho accordado.

Levantei-me. Sentia o coração oppresso, quiz respirar o perfume da viração da meia-noite, abri uma janella de meu quarto, olhei o Céu como um vasto lençol estendido sobre a cupula dos astros, encantei-me do brilho amortecido das estrellas, das nevoas que vinhão descendo da serra formando nebulosos fantasmas, ouvi o mar estremecido suspirar sobre as conchas da praia, encantei-me emfim de toda aquella belleza e tive vontade de sahir. E sahi.

E a lua passcava sempre tristemente pelo Céu

arrastando vagarosa o seu manto de estrelas !
E as arbas sopravam mansuetamente pelos galhos do
arvoredo escuro. Era tudo um paraíso de docu-
ras, ou verdadeiro oásis de poesia !

III.

A atmosphera embalsamada estava de uma
frescura calida, confundindo os vapores da
terra com as exhalações do mar. Dirigi-me pelo
longo da praia até o lugar onde ella finalisava
como n'um ponto de exaltação ! Com effeito o
panorama que se desenrolava pela ponta do seu
extremo era admiravel de belleza e grandioso do
contemplar-se. Em frente era o mar que se es-
tendia longo como um pensamento de saudade !
Ao lado erão os brancos lisos da areia alvarenta,
sombreada pelos coqueiros da margem que es-
tendião suas palmas a receber os raios da lua; do
outro... do outro, oh ! era o paraíso dos amores
que se alongava pela terra dentro, era oásis so-
nhado na aridez do deserto, era a habitação do
meu anjo, era a morada do meu sonho, era uma
linda chacara matizada de velva e sombreada de
arvores; — era o céu !

Elle estava passeando no jardim. A aquellas
horas julguei-a antes um sylpho magico, uma
visão aerea. Envolvida em seu roupão de caça
branca, deixava suas bastas e negras tranças de-
bruçarem-se melancolicas por seus hombros de
alabastro. Seu rosto, quando ella o levantava
para encavar o azul da abobada celeste, reflectia
a pallidez da lua, tão melancolica e suave como

um anjo que olhava para sua patria distante,
como uma filha transviada que procurava sua
mãe, como um passarinho perdido a buscar o seu
ninho e julgando encontrá-lo no primeiro tronco
calido, no primeiro galho de arvore, no pri-
meiro marco da estrada, na propria cruz dos ce-
miterios !

E eu vi-a, rareando entre as sombras das
moitas e as nevoas que se levantavam entre os
ramos dos arvoredos, como uma apparição lumi-
nosa, como uma sombra vaga, como uma idéa
solta, como um pensamento isolado !

E ella estava como sempre bella a mais não
ser, que mais não poderá a natureza !

O que eu senti, não sei. O que vi depois, oh !
que nem o quero lembrar. A minha linda visão
desappareceu um pouco por traz de uma muralha
que como barreira insuperavel se me estacava
diante, como um tumulo que se abrisse de pro-
posito para afundar o meu sonho !

E ella foi-se, e eu accompanhei-a com o pen-
samento, com a alma, com o desejo, com a
saudade. E ella não voltou, não voltou para
sempre !

Apenas o mar se estendia vasto e longo, mo-
notono como uma harmonia repetida. Apenas as
ondinhas inda gemião na praia, e as palmas dos
coqueiros se baloiçavam languidas ! Só a lua ca-
miuhava tristemente pelo Céu arrastando vaga-
rosa o seu manto de estrelas !

Oh ! saudade ! como ainda me panges !

B...

BIOGRAPHIA.

Em 1604 reinava em Roma o summo pontifice
papa Innocencio IX Pachinetti, unica familia
deste nome na cidade de Bolonha, dos estados
pontificios. Desta familia teve descendencia o
vice-almirante Louis Pachinetti, ex-capitaine
de vaisseau ao serviço da França, homem de
grandes talentos, o qual levou a seu herdo o
grande Napoleão Bonaparte, voltando ao depois
do Egypte triumpfante do cruzeiro inglez em
1799, e desembarcando na cidade de Frejus, co-
brindo-se de gloria, e de muitos elogios que S. M.
o primeiro Imperador da França lhe fizera pelas
acertadas manobras que o puzera a salvamento.

É de admirar como não houvesse ainda no
Brasil pesseia, entre as mais distinctas, que não
reconhecesse que o pianista e compositor de mu-
sica Joseph Pachinetti é filho legitimo desse
bravo militar, recommendado á carinhosa sua
mãe por Napoleão I, a fim de zelar seus estudos,
e já disposto para lhe assegurar uma decente
occupação.

O vice-almirante Louis Pachinetti e sua nu-
merosa familia tem conservado fielmente a sua

nacionalidade franceza até o presente, não
obstante tivessem os filhos nascido na Italia, e
até fossem educados na época das leis do pri-
meiro Imperio. O velho militar fez toda a sua
carreira na marinha franceza, e em 1794, na
idade de 25 annos, era já primeiro-tenente da
fragata *Farsale*, em cuja época casou-se com Ju-
lia Dorothea Brunel, filha do primeiro nego-
ciantes com fabricas de sedas em Pariz: não
quiz servir mais a ninguem, depois de consi-
derar que leve a gloria de ser fiel companheiro
d'armas do primeiro general do mundo. Louis
Pachinetti passou a segundas e tercinas nupcias,
e não teve filhos senão do primeiro e terceiro
casamento; falleceu em 1852, na idade de 84
annos, deixando vinte filhos da primeira se-
nhora, da qual o referido compositor é o ter-
ceiro e primeiro varão; e outros tantos da ter-
ceira senhora, que é ainda moça.

Para vigorar as nossas observações e fiel expo-
sição, publicamos a seguinte e recente carta que
nos veio ás mãos, sellada, e reconhecida pelo
consulado francez de Pernambuco.

« Mon cher ami Joseph Fachinetti,

« Gênes le 21 Juin 1854.

« Comme vous m'aviez chargé de vous faire
« parvenir les patentes constatant les services
« de votre decedé père Louis Fachinetti dans la
« marine française sous l'empire de Napoléon
« Bonaparte, je vous dirai qu'elles existent dans
« les mains de votre madrasie. La même m'a fait
« voir les deux documents principaux; mais
« elle ne veut pas s'en dessaisir, quoique je lui
« aisse voir qu'ils ne pouvaient être d'aucune
« utilité à ses enfants.

« Votre madrasie m'a remis seulement les do-
« cuments que je vous envoie par Monsieur *Ar-*
« *senio Fortunato da Silva* qui s'en retourne à
« Pernambuco; parmi les quels se trouve heu-
« reusement l'extrait de mariage de votre père,
« dans le quel est aussi constaté le grade que le
« même occupait à cette époque dans la marine
« de la république française à l'âge de 25 ans,
« quand il se maria avec Julie Dorothee Brunel
« de Paris, votre mère.

« Les documents, qui restent au pouvoir de
« votre madrasie, sont: 1.^o, une patente de lieu-
« tenant de marine de la frégate nommée *Ver-*
« *saille* en 1794; 2.^o, la patente de capitaine de
« vaisseau commandant la frégate *Le Junas* à
« l'époque de l'expédition d'Egypte; 3.^o, un acte
« constatant que votre mère avait apporté en
« dot la somme de vingt quatre mille francs en
« monnaie, reçus par votre père de la maison
« Brunel de Paris lors de son mariage; 4.^o, la
« nomination de président du conseil de la cons-
« cription par Monsieur M. A. Bourdon, préfet
« du département de Gênes, baron de l'Empire,
« et membre de la légion d'honneur.

« J'ai fait tous mes efforts pour servir
« complètement; mais il me fut impossible de
« décider votre madrasie à céder ces quatre do-
« cuments: à mon retour je vous donnerai des
« plus amples informations. Agréez les saluta-
« tions de mon épouse, et de moi qui serai
« toujours

« Votre dévoué ami et serviteur

« Louis Plassa. »

PEQUENOS ABUSOS.

Não me sinto hoje, leitoras, muito disposta para escrever bonitas coisas; nem mesmo para prender a atenção um instante em objecto algum. Sabéis que somos susceptíveis destas alterações do espirito, ainda mesmo sem causa conhecida, como agora me está acontecendo; e, tratando não deixo de reconhecer que é um abuso, talvez censuravel bastante, o querer-se fazer alguém a nossa situação excepcional. Não o pretenderei pois; mas consentireis que harmonise este artigo com a minha indisposição, addicionando mais alguns dos abusos que tenho observado em outros artigos sob o mesmo titulo que este leva.

Na semana passada fui a uma reunião particular bastante numerosa, brilhante e animada: e ahi houverão, como em toda a parte, algumas irregularidades, ou estorpecimentos de formalidades a que chamamos *pequenos abusos*.

Consideraremos quanto é inconveniente que um cavalheiro se colloque com o seu par diante de outro que já tem tomado logar na quadrilha, só porque o seu *vis-à-vis* se fixou defronte em logar que achou desoccupado. Não se lembrão ás vezes os cavalheiros que é máu tomar o logar diante della, e que d'ahi resulta encommodo quando se dança? Seria muito bom que isto se não repetisse.

Pouco depois observamos que um velho impertinente instava com suas lindas filhas para que se retirassem da reunião, sem attendere a consideração que ellas lhes fazião de estarem compromettidas para dançar com alguns cavalheiros. Dizia o velho, que devia retirar-se por

que os animadas da carruagem precisavão descansar para trabalhar no dia seguinte!... Pois senhor, por duas bestas, priva-se do prazer de uma reunião brilhante a tres senhoras?!

Não nos foi menos digna de reparo a desportesia de certo cavalheiro, que se presume talvez de extrema delicadeza, que tratava quasi todas as senhoras por *voce*, como se fossem antigos familiares; ou como se uma reunião autorisasse esta franqueza. Este sujeito pareceu ignorar que a delicadeza manda que nunca se use em publico a intimidade de que se gosa em particular para com as senhoras que a tem permittido; e, por tanto, é muito reprehensivel que tal intimidade seja manifestada quando não existe.

Houve tambem criançazinha que moito nos encommodou com uma porção de doces que ajuntou para levar para casa. É máu levar crianças a reuniões: e peor ainda é, que certo sujeito, que não é criança, tambem encha os bolsos de doces e biscoitos, para levar talvez a alguma menina.

Dada a hora da partida recolhi-me ao *toilette* para tomar o meu chale, e ainda ahi (perdoem-me as minhas leitoras que o diga) observei que entre nós tambem ha pequenos abusos: e um d'elles é o costume, sem duvida inconveniente e pouco economico, de espalhar pelo chão todos os chales, capotes e mantelettes, que se encontram reunidos no logar destinado para esse fim até se encontrar o que se procúra: e nada mais facil e natural do que pizal-os, estando elles espalhados. Bem sei que os pés das minhas amigas são muito delicados para não causarem damno sensivel so-

bre um chale rico, ou em uma mantelette de seda; porém nós pouca importancia damos á pisadella de outra qualquer: o que seria entretanto muito apreciavel e honroso, mesmo para algum cavalheiro, cujo lenço, ou luva, e até a casaca, servisse de tapete para ser pisado pelo mimoso pé de uma dama.

Por nossa parte não damos o menor apreço á tal honra; e tanto menos, quanto sentimos o desprazer de ver manchado um chale de fina ca-

chemira branca que havíamos preferido usar essa noite. Posso assegurar-vos que fica elle destinado para os bailes; porque já está acostumado a soffrer as torturas que o aguardão em um *toilette*: e vos aconselho, minhas amigas, que se tendes algum em iguaes circumstancias, lhe destineis igual preferencia effectiva.

Basta por hoje.

Alina.

BELLAS-ARTES.

Os Arabes dão ás figuras que compoem a escala musical os només seguintes, a saber: A, B, C, D, E, F, G.

- A.... mi la.... 1.
- B.... fa si.... 2.
- C.... sol dó... 3.
- D.... la re.... 4.
- E.... si mi.... 5.
- F.... do fa.... 6.
- G.... re sol... 7.

Para a leitura da musica inventarão os seguintes signaes de abreviação:

Makhadz — Intervallo da primeira figura.

Tertib — Gradação ou nota.

Souid — Subida.

Souid bil esra — Subida com velocidade.

Hubuth — Descida.

Hubuth bil esra — Descida repentina.

Hubuth bil tertib — Descida por gráu.

Serian — Depressa ou vivaz.

Thafr — Salto.

Aft — Andamento rapido.

Rikz — Ultima nota da aria.

Os Arabes chamão a musica *Ilm el odavar*, que significa — sciencia dos círculos.

A MUSICA BARBARA DA RUSSIA.

Tilesius foi um conselheiro da côrte do imperador da Russia em 1804, e membro dos viajantes de *Krusenstern*: em uma sua carta do

1.º de setembro do dito anno diz: « As ilhas de Santa Christina, chamadas *Tauhuata Montanioh*, avistão-se com o tempo claro sobre os mais altos montes de *Nukahiva*. Os habitantes de Santa Christina fazem a guerra de quando em quando com os de *Nukah* debaixo de musica e cantos. E', v. g., de noite. Um delles vê de longe o fogo no centro da ilha do inimigo. — Aonde é o fogo? — Os mais reunidos em côro respondem: — Sobre *Tauhuata Montanioh* por entre os nossos inimigos! assão-se os nossos mortos e prisioneiros! — Esta resposta os torna enfatecidos. Grita-se: fogo! Em um instante sentem um prazer summo em dar o saque em seus mortos e prisioneiros, e não sem compaixão, lembrando-se de suas mulheres, de seus filhos e parentes, em cujo momento derramão abundantes lagrimas. Acabada a pelega contão-se dez djas, no fim dos quaes comem as victimas, solemnizando deste modo a victoria. Naquella occasião cantão todos juntos uma canção no tom menor, e alguns danção no mesmo tempo.

« Uma quantidade de homens adultos e jovens, em numero de 200 a 600, marcão o compasso com pancadas de mão, e, se o saque for grande, usão para este fim dos tambores.

« O canto desses selyagens Russos-anthropophagos não é senão um ridiculo rosnar que espanta a qualquer homem menos medroso, excitando-lhe o desespero e a lembrança do ultimo instante da sua existencia. »

Do compositor *J. Fachinetti*.

CORRECÇÃO.

Na poesia — *A' minha filha* —, do numero passado, nos versos 20, 27 e 40, onde lê-se —

espalhando, espalha, espalhou — lêa-se — *espe-
lhando, espelha, espelhou*.

As charadas do n.º 46 são: 1.ª, *Oratorio*; 2.ª *Aroma*.

Acompanha este n.º 47 uma estampa com figurinos de *soirée* e de passeio.

